

TESTEMUNHAS SILENCIOSAS:

UMA ANÁLISE EXPOGRÁFICA DA SALA FARROUPILHA NO MUSEU JULIO DE CASTILHOS

Autor: Lucas Antonio Morates

Orientador: Ana Maria Dalla Zen

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o Museu Julio de Castilhos a partir da museografia aplicada na organização da Sala Farroupilha, buscando elementos para traçar o discurso histórico adotado pela instituição. A Sala se localiza no andar térreo do Museu Julio de Castilhos, onde estão expostos objetos de uso pessoal do líder farroupilha Bento Gonçalves, armas e fardamentos, além de telas retratando a revolta contra o governo imperial. Trata-se de um espaço que tem como estimular o debate sobre o alcance histórico e o caráter separatista ou nacionalista da Revolução Farroupilha. Para que esse objetivo seja alcançado é necessária uma boa expografia, ou seja, o modo de expor esses objetos a fim de criar uma narrativa. A organização dos objetos em exposição equivale à localização de palavras em uma frase, de modo que um termo fora de lugar pode comprometer todo o contexto. Assim, este trabalho pretende estabelecer algumas aproximações entre a historiografia e a museografia da Sala Farroupilha, concebendo a memória como fator comum entre ambas. Finalmente, propõe-se também a analisar a presença do museólogo e do historiador na constituição dessas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia. Museu Júlio de Castilhos. Revolução Farroupilha. Museografia.

1 INTRODUÇÃO

No século XVIII, a Revolução Francesa não derrubou somente o Antigo Regime e reprimiu os privilégios da nobreza, mas trouxe mais autonomia popular e o conceito de nacionalismo começou a tomar forma. Nesse contexto, surgem os grandes museus nacionais, cujos acervos não são apenas objetos da nobreza, mas são fruto do desenvolvimento de uma sociedade. E, desse momento em diante, passam a ser utilizados como referência para a formação da identidade das nações. Essa identidade é construída através de discursos e narrativas, e o museu se torna um bom lugar para imprimir conceitos. No entanto, vale lembrar que “[...] o historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda essa operação com documentos, portanto, é de natureza retórica”.(MENESES,1998,p.97). No cenário do Rio Grande do Sul, o significativo momento histórico da Revolução Farroupilha, foi interpretado pelo movimento tradicionalista e por parte da historiografia gaúcha e literatura brasileira como elemento que construiu a imagem do “Gaúcho”.

No Museu Julio de Castilhos, em Porto Alegre, foi criada a Sala Farroupilha, em comemoração a esse evento tão significativo no cenário cultural e político do RS. Nela, uma exposição reúne objetos de uso pessoal do líder farroupilha Bento Gonçalves, armas e fardamentos, além de telas retratando a revolta contra o governo imperial. A sua narrativa pretende incentivar o debate sobre o alcance histórico e o caráter separatista ou nacionalista da Revolução Farroupilha. Porém, para obter sucesso, é importante que seja feito um discurso expográfico eficaz, uma vez que o modo de expor esses objetos pode comprometer a narrativa, desviando o público da função do espaço. Portanto, este trabalho se propõe a fazer uma análise dos elementos historiográficos e museográficos da Sala Farroupilha, e refletir sobre o papel do museólogo e do historiador na constituição dessas narrativas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa empírica, realizada sob abordagem qualitativa, na perspectiva de um estudo de caso, realizado na exposição “Sala Farroupilha” do Museu Julio de Castilhos. Num primeiro momento, será feita a observação de aspectos expográficos, que envolvem a utilização e disposição dos objetos, buscando identificar a narrativa adotada na exposição. E, num segundo momento, serão interpretados os aspectos particulares de cada objeto exposto. Os conceitos próprios da Expografia e da Historiografia, enquanto campo interdisciplinar da Museologia compõem a fundamentação teórico-metodológica da investigação.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No Brasil, o campo da Museologia, especialmente nos últimos anos, tem tido acréscimo de pesquisas, principalmente pela criação de novos cursos de graduação e da abertura de um novo mestrado na área, na Universidade de São Paulo (USP), bem como o mestrado e doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). A isso se somam uma sólida política pública do País para a área, consubstanciada pela criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Todavia, permanecem ainda muitas lacunas a serem solucionadas. Ancorado no tripé coleta, pesquisa e comunicação, esse campo de conhecimento tem uma gama significativa de atuação e áreas de pesquisa. No que diz respeito à comunicação do museu para seu público, a exposição é a que tem maior alcance.

Muito antes de chegar aos olhos do público, os objetos que compõem uma exposição passam por uma seleção, que se inicia pela sua entrada no museu e segue pelo olhar do curador, que decide qual objeto irá utilizar para compor a sua narrativa expositiva. Inúmeros elementos devem ser levados em conta para a escolha dos objetos, dentre os quais estão a formação do curador/historiador e a sua formação acadêmica e a qual paradigma histórico se vincula.

Outro ponto importante, em se tratando do Museu Júlio de Castilhos, que é um museu histórico, é a reflexão em torno do conceito dessa tipologia de museus. O conceito vigente é que museu histórico seria aquele que opera com “[...] objetos históricos. Num museu de arte, uma tela, por exemplo, é documento plástico (mas sem considerar que a construção da visualidade integra a realidade histórica). Já o museu histórico, a mesma tela seria valorizada pelo tema, como documento icnográfico” (MENESES, 2012, p.16). E objetos históricos, por sua vez, na expressão do Decreto-lei 35, de 1937, que criou o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, “[...] são objetos singulares e auráticos, na expressão benjaminiana ou, mais precisamente, não-fungíveis. Não poderiam ser substituídos

por cópias ou por objetos de atributos equivalentes” (Op.cit, p.18). Desse modo, a atividade de expor os objetos em determinada ordem, implica em inúmeros significados e sentidos e pode deixar claras as ideologias.

Em um espaço como museu, que oferece representações da memória através de objetos, podemos analisar a relação entre o papel do historiador e do museólogo na construção do conteúdo museográfico e expográfico, já que “Toda exposição expressa uma atitude de organização e seleção de objetos a partir de determinados parâmetros, conceitos e ideias que têm diversas historicidades. Um museu é um documento da história da cultura que se expressa através de uma Museologia e sua operacional museografia que, por seu turno, também têm uma historicidade.” (FERREIRA 1997, p.171). Talvez a função dos historiadores nos museus, ao lado da reconstrução da História, seja a de relativizar esse saber institucionalizado, abrindo espaço para a realização, por parte dos museólogos, de exposições questionadoras das “lacunas” e das “verdades absolutas”, promovendo reflexões em torno dos fatos e do processo conflituoso e dialético da história, como destaca Rocha (1999). Porém o profissional de Museologia, da mesma forma que o historiador, poderá ter a imagem cristalizada em práticas regressivas, ou em práticas transformadoras. Ambos os campos passaram por modificações no séc. XX. Tanto a História quanto a Museologia modificaram seus métodos e conteúdos de análise.

Para compreender esse campo, não se pode limitar a análise tão somente à práticas que ocorrem dentro dos muros dos museus. Waldisa Russio (1984) a compreende como a disciplina que trata de estudar as relações entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural em uma dada realidade e dentro de um espaço/cenário denominado museu, ou mesmo fora dele. Tão importante quanto as práticas e visões próprias de cada área, ambas não podem esquecer que quando o trabalho é desenvolvido dentro de museus, esse tem uma responsabilidade social, relações de valores com os sujeitos sociais. A convivência e o atrito, quando administrados, geram benefícios e construir a excelência dos museus.

4 CONCLUSÕES

Ao se fazer uma análise superficial da expografia da Sala Farroupilha, percebe-se que está congelada, se equiparando a um gabinete de curiosidades. Ela não tem um contexto nem uma cronologia lineares, além de pouco contribuir para a multiplicidade de interpretações acerca do fato histórico. Essa leitura expográfica está afastada das propostas da Museologia e da História contemporâneas. O visitante é um ser passivo, que não é incentivado e instigado a realizar questionamentos em torno do fenômeno de que participa. O Museu Julio de Castilhos é um espaço consagrado e reconhecido pelos objetos históricos que compõem o seu acervo. No entanto, o fato de possuir um rico acervo não basta para cumprir sua missão. É necessário que as exposições tenham um contexto e uma narrativa elaboradas a partir da organização dos objetos expostos numa perspectiva mais adequada às leituras museográficas da atualidade. E, para que esse objetivo seja atingido, é necessário que os profissionais das áreas de Museologia e da História tramem uma rede de significados em que seja fortalecida a importância de um museu de história, numa visão complexa e interdisciplinar, que perceba o público como sujeito e não objeto do seu discurso.

REFERENCIAS

FERREIRA, Mauricio Vicente. **Anais do primeiro Seminário sobre Museus-Casas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico(fim)**. Anais do Museu Paulista v.3 1995.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v3n1/a11v3n1.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2012.

ROCHA, Luisa Maria Gomes de Mattos. **Museu, Informação e Comunicação**: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias. 1999. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Cnpq/ibict - Ufrj/eco, Rio de Janeiro, 1999.

RUSSIO, Waldisa. Cultura, patrimônio e preservação (texto III). In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado: estratégia de construção do patrimônio cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1984 p. 60.